

## **XXI CURSO PARA OS BISPOS**

*Rio de Janeiro, 4 a 8 de fevereiro de 2013 – Centro de Estudos do Sumaré*

### **O Bispo: mestre, guia e formador dos leigos...**

1. Os fiéis leigos constituem a grandíssima maioria do povo de Deus, e - consequentemente – ocupam, sem dúvida, um lugar central na solicitude pastoral de cada Bispo. Na Igreja particular o pastor é antes de tudo mestre, guia e formador dos *christifideles laici*. Mas para cumprir esta missão, precisa em primeira pessoa descobrir a importância, a grandeza e a beleza da sua vocação, deixando-se até mesmo fascinar por ela. O Bispo de Hipona – Santo Agostinho -, dirigindo-se ao seu rebanho, explica muito bem esta atitude: “Atemoriza-me o que sou para vós, consola-me o que sou convosco. Para vós, sou bispo; convosco, sou cristão. Aquele, é o nome do ofício; este, o da graça; aquele, o de perigo; este, o de salvação”.<sup>1</sup>

Mestre e guia do povo de Deus em tempos tão confusos e turbulentos como os nossos, o Bispo deve voltar frequentemente à límpida fonte do Magistério eclesial sobre a vocação e missão dos leigos, que pôde admiravelmente expressar-se no Magistério do Concílio Vaticano II. De fato, da renovada eclesiologia conciliar brotou uma teologia do laicato que abriu uma estação muito fecunda na Igreja e na vida de tantos leigos católicos. Aos leigos se abriam perspectivas novas e fascinantes. Em toda parte se falava da “hora do laicato na Igreja” e se respirava o clima de um renovado Pentecostes. Na vida do laicato católico o Concílio provocou uma reviravolta verdadeiramente histórica. E apesar do passar dos anos (no dia 11 de outubro de 2012 tivemos uma solene comemoração do quinquagésimo aniversário da abertura do Vaticano II!), aqueles ensinamentos conservam um frescor e uma atualidade realmente surpreendentes. E o Papa Bento XVI encoraja-nos: «...a grande herança do Concílio, que abriu

---

<sup>1</sup> SANTO AGOSTINHO, *Sermo* 340, 1 PL 38, 1483.

uma nova estrada, é sempre fundamental».<sup>2</sup> Respeitando a “hermenêutica de continuidade” (Bento XVI), é necessário portanto reler e meditar frequentemente a Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, a Constituição pastoral *Gaudium et spes*, e o Decreto conciliar sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*. Além disso, é oportuno retomar em mãos os importantes documentos pós-conciliares publicados pelo Magistério, e dentre estes em primeiro lugar a Exortação apostólica *Christifideles laici* (1988) do Beato João Paulo II, fruto maduro do Sínodo dos Bispos sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo (1987).

Uma palavra que nos guia em nossa reflexão encontramos também na Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores gregis* de João Paulo II, onde se lê: «Os fiéis leigos necessitam do apoio, estímulo e ajuda dos seus Bispos, que os guiem para realizar o seu apostolado segundo a índole secular que lhes é própria, sustentados pela graça dos sacramentos do Batismo e da Confirmação. Para isso, será necessário promover específicos itinerários de formação que os habilitem a assumir responsabilidades na Igreja quer em estruturas de participação diocesanas e paroquiais, quer nos diversos serviços de animação litúrgica, catequese, ensino da religião católica nas escolas, etc. ...» (n. 51). Após ter reafirmado a importância do empenho dos leigos na animação cristã da ordem temporal, o Beato Pontífice acrescenta: «Os Bispos acompanhem de perto os fiéis leigos porque, imersos no âmago dos complexos problemas mundiais, estão particularmente expostos à ansiedade e ao sofrimento, e apoiem-nos a fim de que sejam cristãos de esperança inabalável, firmemente ancorados na certeza de que o Senhor está sempre junto dos seus filhos» (n. 51). Seguindo este itinerário traçado pela *Pastores gregis*, me deterei em alguns pontos que, na minha experiência de Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, me parecem hoje entre os mais relevantes. Gostaria de ressaltar, além disso, que graças às visitas *ad limina* dos Bispos de todos os continentes e ao fraterno diálogo com eles, o nosso dicastério constitui-se em um observatório privilegiado das problemáticas pastorais ligadas à vida e à missão dos fiéis leigos do mundo inteiro.

2. A primeira grande questão a ser enfrentada juntos é a da *identidade dos cristãos leigos hoje*. O que quer dizer ser fiéis leigos? A cultura pós-moderna, que domina a cena do mundo, busca neutralizar a presença cristã na sociedade, impondo modelos de vida que provocam confusão e desânimo também entre os discípulos de Cristo. A “modernidade líquida” (Z. Bauman), o “pensamento frágil” (G. Vattimo) e a “ditadura do relativismo” (Benedetto XVI) geram personalidades fracas, fragmentadas, incoerentes, “líquidas” e “frágeis” também entre os cristãos... A cultura dominante pretende que a fé seja rigorosamente confinada na esfera privada e que os cristãos sejam invisíveis. Em tal contexto, a clareza, a solidez e a coerência da identidade cristã são colocadas radicalmente

---

2 BENTO XVI, *Encontro com o Clero das Dioceses de Belluno-Feltre e Treviso*, 26.07.2007.

em questão cada dia mais. Faz-se necessário voltar cada vez à pergunta central: “Quem é o cristão leigo?”. E recordamos que foi exatamente esta a pergunta-base que guiou os trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe sobre o tema: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nEle tenham a vida” (2007).

A questão da identidade dos batizados era particularmente cara aos Padres da Igreja. São Leão Magno exortava assim os próprios fiéis: «Reconhece, cristão, a tua dignidade!»;<sup>3</sup> Santo Inácio de Antioquia, por sua vez, afirmava: «Não basta ser chamados cristãos, mas precisa sê-lo verdadeiramente...»;<sup>4</sup> e por fim São Gregório de Nissa insistia: «A bondade do Senhor nosso Deus, portanto, fez-nos partícipes deste nome que é o primeiro e maior e mais divino entre todos, e nós, adornados com o nome de Cristo, dizemo-nos “cristãos”. A consequência necessária disto é que todos os conceitos, incluídos neste vocábulo, podem ver-se igualmente expressados de qualquer modo no nome que nós trazemos. E porque então não parece que nos chamamos falsamente “cristãos” é necessário que a nossa vida confirme e testemunho isto...».<sup>5</sup> Eis portanto que como cristãos trazemos um nome extremamente empenhativo, que constitui para cada batizado um desafio permanente.

Façamos agora uma breve alusão aos três elementos constitutivos da identidade mais profunda do cristão.

a) *A pessoa de Cristo*. Este é o coração da nossa identidade cristã. O Papa Bento XVI escreve na sua primeira encíclica: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo».<sup>6</sup> E acrescenta: «A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos — um incrível realismo...».<sup>7</sup> Ser cristãos leigos é uma verdadeira e própria vocação. O Mestre chama cada um pelo nome: “Segue-me!”. Enxertado em Cristo como o ramo na videira, por meio do sacramento do Batismo, o cristão leigo recebe como dom a “novidade de vida”, o ser “nova criatura” – torna-se pois um verdadeiro discípulo de Cristo-Mestre, entrando em profunda comunhão de vida com Ele. Uma transformação impressionante, que lhe permite dizer com o Apóstolo: «Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim» (*Gal 2,20*). Ele é portanto chamado a descobrir sempre de novo e a testemunhar ao mundo exatamente esta “novidade de vida” que suscita nele um permanente estupor de fé. Eis, portanto, o primeiro grande desafio pastoral: como ajudar os nossos fiéis leigos a instaurar uma relação íntima e profunda com Cristo, Mestre e Senhor, e fazer com que Cristo se torne realmente o centro de suas vidas?

---

3 Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Dal primo discorso per il Natale*, 3.

4 Cf. SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Dalla lettera ai cristiani di Magnesia*, IV, 1.

5 Cf. SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Dal trattato L'ideale perfetto del cristiano*, PG 46, 255.

6 BENTO XVI, Carta encíclica *Deus caritas est*, n. 1.

7 *Ibidem*, n. 12.

O mundo hodierno precisa de cristãos autênticos, o que equivale a dizer, precisa de santos. Um dos grandes ensinamentos que o Vaticano II nos deixou foi especificamente sobre o chamado universal à santidade: «Os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade».<sup>8</sup> E a santidade não é outra coisa senão a “alta medida da vida cristã ordinária”. No início do novo Milênio o Beato João Paulo II escrevia a respeito: «Se o Batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contrassenso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. Perguntar a um catecúmeno: “Queres receber o Batismo?” significa ao mesmo tempo pedir-lhe: “Queres fazer-te santo?” Significa colocar na sua estrada o radicalismo do Sermão da Montanha: “Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste” (Mt 5,48) ».<sup>9</sup> Reforçar a identidade cristã dos fiéis leigos quer dizer portanto acender neles a chama do desejo da santidade.

b) *A Igreja*. O cristão nunca está sozinho, isolado, mas nasce e vive em uma grande comunidade, na grande família dos filhos de Deus de dimensões planetárias que é a Igreja Católica (Universal!). Trata-se de uma comunidade que não remonta a um dado puramente humano, sociológico, porque por origem e essência é sobrenatural. A Igreja é uma “comunhão orgânica”, na qual coexistem e se integram diversidade e complementaridade de vocações, ministérios, serviços, funções, carismas e responsabilidades. Não contraposições, mas reciprocidade e coordenação.<sup>10</sup> A Igreja configura-se portanto como ícone da comunhão trinitária; portanto, nesta nenhum fiel leigo pode permanecer passivo, não comprometido, simples observador. A cada um foi confiada por Cristo uma missão a cumprir. O Concílio Vaticano II afirma com força a este respeito: «O apostolado dos leigos [...] que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja».<sup>11</sup> Daqui a necessidade de uma participação ativa e responsável dos leigos na vida das suas comunidades eclesiais, paróquias, dioceses. Devem saber assumir concretamente as próprias responsabilidades para com a Igreja e quanto à sua missão no mundo (*ad intra* e *ad extra*!).

Evidentemente a estas alturas emerge o grave problema pastoral do contínuo arrefecimento do sentido de pertença à Igreja em tantos fiéis. Na nossa cultura extremamente individualista e subjetivista, todo tipo de pertença é muitas vezes interpretado como um limite e uma ameaça à liberdade individual, algo a ser evitado. Uma pertença vivida portanto não como algo que enriquece, que faz crescer. É aqui que se põe a questão: como reforçar o sentido de pertença à Igreja, e favorecer uma participação ativa na sua vida e na sua missão, capaz de plasmar o estilo de vida e as escolhas fundamentais dos nossos fiéis? Como fazer

---

8 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 40.

9 JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte*, n. 31.

10 Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 20-21.

11 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*, n. 1.

com que os leigos descubram a importância da comunidade paroquial, das várias agregações laicais, dos movimentos eclesiais?

c) *O mundo*. O Magistério do Concílio Vaticano II indica com clareza o que distingue os fiéis leigos dos outros estados de vida da Igreja: trata-se da sua particular relação com o mundo, da assim chamada “índole secular”. «É próprio dos leigos buscar o reino de Deus tratando as coisas temporais e ordenando-as segundo Deus. Estes vivem no século, ou seja, em meio aos compromissos e às ocupações do mundo e dentro das condições ordinárias da vida familiar e social que tecem a sua existência. Ali, são chamados por Deus a contribuir, a partir de Dentro, como o fermento na massa, para a santificação do mundo, através do exercício da sua função específica e guiados pelo espírito evangélico. Deste modo tornam Cristo visível aos outros, sobretudo com o testemunho de uma vida que resplandece a fé, a esperança e a caridade».<sup>12</sup> Este “caráter secular” confere uma marca específica não só ao apostolado dos fiéis leigos, mas também à sua espiritualidade e ao seu caminho de santidade. O fiel leigo é chamado a santificar-se vivendo no coração do mundo. Emerge neste contexto um outro importante desafio pastoral: como ajudar os leigos a defender a sua identidade de “cristãos imersos no mundo”, diante da tentação de “clericalização”, ou diante de atitudes de fuga do mundo (por exemplo: a busca de um cômodo refúgio no intimismo, em uma espiritualidade abstrata, desencarnada, ou um completo fechamento em questões intra-eclesiais, esquecendo que a sua vocação os projeta na direção do mundo em que vivem). Leiamos novamente a propósito algumas expressões altamente significativas da antiga *Carta a Diogneto*: «/Os cristãos/ vivem na carne, mas não segundo a carne. Transcorrem a vida sobre a terra, mas a sua cidadania é celeste [...] Em uma palavra, os cristãos são no mundo o que a alma é no corpo. A alma encontra-se em todos os membros do corpo e também os cristãos estão espalhados nas cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não é do corpo. Também os cristãos habitam neste mundo, mas não são do mundo». E o autor conclui: «Deus os pôs em um lugar tão nobre, que não lhes é lícito abandoná-lo».<sup>13</sup>

3. Neste ponto creio ser necessário aprofundar, mesmo que brevemente, um aspecto importante da questão: o que significa concretamente “ser enxertados em Cristo” através do Batismo? Para o Concílio Vaticano II isto quer dizer tornar-se partícipes da tríplice missão de Cristo (*tria munera*): sacerdotal, profética e real.<sup>14</sup>

a) O fiel leigo participa da *missão sacerdotal de Cristo* e por isto é chamado a oferecer a Deus um culto espiritual e frutos de autêntica santidade de vida. « todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida

---

12 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 31.

13 *Lettera a Diogneto*, capp. 5-6; Funk, pp. 397-401.

14 Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, nn. 34-36.

conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cfr. 1 Ped. 2,5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor».<sup>15</sup> Na vida da maior parte dos nossos leigos a dimensão sacerdotal e doxológica, que expressa o sacerdócio comum de todo o povo de Deus, é um tesouro ainda a se descobrir. Ocorre sempre recordar, porém, que entre o sacerdócio comum dos batizados e o sacerdócio ministerial existe uma diferença de essência e não só de grau.<sup>16</sup> Portanto, na práxis eclesial, é necessário evitar absolutamente todo tipo de confusão neste sentido.

b) Partícipes da *missão profética de Cristo*, os fiéis leigos são chamados a anunciar o Evangelho através da palavra e do testemunho de vida. «Este modo de evangelizar [...] adquire um certo caráter específico e uma particular eficácia por se realizar nas condições ordinárias da vida no mundo».<sup>17</sup> Mas os leigos não devem esquecer que, para serem autênticos anunciadores da palavra de Deus, devem tornar-se os primeiros ouvintes. O verdadeiro anúncio cristão nasce da oração, da meditação e do estudo das Sagradas Escrituras. Quem leva a palavra de Deus deve sempre recordar que não é o seu proprietário, mas um humilde servidor. Hoje a Igreja, chamada à nova evangelização, precisa de apóstolos leigos capazes de ser corajosos arautos do Evangelho. Impõe-se portanto a questão: como acordar e ativar o enorme potencial missionário do nosso laicato, muitas vezes escondido, quase adormecido? Como anunciar Cristo nos cenários socioculturais e religiosos completamente novos e inéditos do mundo globalizado, de um mundo que conhece progressos extraordinários nos campos da ciência, da técnica e da comunicação? «A nova evangelização pede-nos para lidar com estes cenários não permanecendo fechados no recinto das nossas comunidades e das nossas instituições mas, a partir de dentro, aceitar o desafio de entrar em tais fenômenos, para lhes levar a palavra e o nosso testemunho».<sup>18</sup> Eis o grande campo de ação próprio dos fiéis leigos.

c) Participantes da *missão real de Cristo*, os leigos são chamados a edificar o reino de Deus dentro de si e no mundo ao seu redor, realizando o que é próprio da sua vocação, a sua “índole secular”: permear de dentro, como fermento, a realidade do mundo com o espírito do Evangelho. Isto evidentemente implica um contínuo combate contra as forças do mal, as “estruturas de pecado”. Afirma o Concílio Vaticano II: «pela união das próprias forças, devem os leigos sanear as estruturas e condições do mundo, se elas porventura propendem a levar ao pecado, de tal modo que todas se conformem às normas da justiça e antes ajudem ao exercício das virtudes do que o estorvem. Agindo assim, informarão

---

15 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 34.

16 Cf. *ibidem*, n. 10.

17 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 35.

18 SÍNODO DOS BISPOS - XIII ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, *Lineamenta*, n. 7.

de valor moral a cultura e as obras humanas».<sup>19</sup> Os cristãos devem estar sempre na linha de frente da promoção da dignidade da pessoa humana e na defesa dos seus direitos inalienáveis. A missão real é portanto aquela que mais caracteriza a vida de um leigo imerso nas realidades temporais.

4. Existe uma ligação muito estreita, inseparável, entre a vocação e a missão dos fiéis leigos. A vocação cristã é, por sua natureza, vocação missionária. É exatamente na missão que se torna visível a grandeza e a beleza da vocação cristã. O mandato missionário: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho” (Mc 16,15) foi confiado por Cristo a toda a Igreja. E o Concílio Vaticano II nos recorda que «existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão»<sup>20</sup>. Especialmente nos nossos dias, a evangelização (a nova evangelização!) seria impensável sem uma ativa cooperação dos fiéis leigos. Na *Christifideles laici*, João Paulo II reiterava com clareza que «novas situações, tanto eclesiais como sociais, econômicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com uma força toda particular, a ação dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. Não é lícito a ninguém ficar inativo» (n.3).

Concentremo-nos agora brevemente sobre algumas questões de importância “estratégica” para a missão dos fiéis leigos no mundo de hoje na Igreja. Deve-se notar aqui que não se tratará de uma análise completa, mas de uma simples forma de sinalizar alguns problemas e de um convite ao estudo e à reflexão.

a) *O compromisso dos fiéis leigos nos campos social, político e cultural.* Trata-se de um desafio pastoral atualíssimo, que implica na pergunta: como suscitar nos fiéis leigos a audácia de uma presença visível e incisiva na sociedade, a audácia, isto é, de tornar-se realmente “fermento evangélico”, “sal e luz do mundo”? Como construir aquela forte e sólida unidade entre fé e vida que possa gerar uma presença coerente e persuasiva dos leigos católicos em tantos areópagos da cultura dos nossos tempos? O que fazer para que os leigos católicos comprometidos na política, por exemplo, sejam realmente coerentes nas suas escolhas, sem comprometer a sua fé e a sua consciência moral? Vale a pena, certamente, consultar a este respeito a ampla e precisa “Nota Doutrinal sobre algumas questões relacionadas ao compromisso e comportamento dos católicos na vida política”, publicada pela Congregação para a Doutrina da Fé, em 24 de novembro de 2002. Nesta nota se lê, dentre outras coisas, que os *christifideles laici* ativos na política são chamados a «discordar de uma concepção do pluralismo em chave de relativismo moral, nociva à própria vida democrática, que tem necessidade de bases verdadeiras e sólidas, ou seja, de princípios éticos que, por sua natureza e função de fundamento da vida social, não são

---

19 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*, n. 36.

20 CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto sobre o apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*, n. 2

“negociáveis”».<sup>21</sup> Trata-se, particularmente, da defesa da vida desde a concepção até a morte natural e da instituição do matrimônio e da família, gravemente ameaçadas pelas legislações de muitos Países. Nestes casos, não estamos diante de uma imposição de opções confessionais por parte de políticos ou parlamentos católicos, mas é posta uma simples menção à lei natural, igual para todos.

Lançando um olhar ao mundo pós-moderno, é difícil não dar razão a René Rémond que fala da difusão de um novo “anticristianismo”, uma espécie de “cristianofobia”, uma “cultura contra Deus”, que sabe assumir formas bastante agressivas.<sup>22</sup> A justa laicidade do Estado é muitas vezes suplantada por um laicismo militante que busca eliminar qualquer referência a Deus na vida social. Para os cristãos, particularmente para os católicos, há sempre menos espaço, não obstante as tão defendidas declarações de pluralismo e de tolerância. Todavia, apesar das dificuldades, os fiéis leigos, inspirados pela fé e firmados na Doutrina Social da Igreja – como diz a *Christifideles laici* - «*não podem absolutamente abdicar da participação na “política”, ou seja, da múltipla e variada ação econômica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum*».<sup>23</sup> Este é seu direito e dever. Não raramente este compromisso requer muita coragem de ir contro-corrente, contrastando a cultura laicista e a “ditadura do relativismo ético”, sem hesitar em, neste mundo hostil à fé em Jesus Cristo, tornar-se “sinal de contradição”, assim como o Mestre.

Por ocasião da viagem apostólica ao Brasil para a V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe, em 2007, o Papa Bento XVI pôs uma questão fundamental: «como pode a Igreja contribuir para a solução dos urgentes problemas sociais e políticos, e responder ao grande desafio da pobreza e da miséria?».<sup>24</sup> Para indicar a via mestra que conduz às verdadeiras soluções do problema, o Santo Padre reforçou que hoje é urgente não só eliminar as “estruturas da injustiça”, mas é particularmente urgente criar um forte consenso em torno aos valores morais fundamentais. E exatamente aqui se abre um grande campo de trabalho para os cristãos leigos. O Papa afirmou que «o trabalho político não é competência imediata da Igreja. O respeito de uma sadia laicidade junto com a pluralidade das posições políticas é essencial na tradição cristã. [...] A Igreja é advogada da justiça e dos pobres, exatamente por não se identificar com os políticos nem com os interesses de partido. Somente sendo independente pode ensinar os grandes critérios e os valores inderrogáveis, orientar as consciências e oferecer uma opção de vida que vai mais além do âmbito político. Formar as consciências, ser advogada da justiça e da verdade, educar nas virtudes individuais e políticas, é a vocação fundamental da Igreja neste setor. E os leigos católicos devem ser

---

21 CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre algumas questões relativas ao empenho e o comportamento dos católicos na vida política*, n. 3.

22 Cf. RENÉ RÉMOND con MARC LÉBOUCHER, *Il nuovo anticristianesimo*, Lindau 2007.

23 JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 42.

24 BENTO XVI, *Discurso de abertura da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida*, 13.05.2007.



conscientes da sua responsabilidade na vida pública; devem estar presentes na formação dos consensos necessários e na oposição contra as injustiças».<sup>25</sup>

A crise que perturba o nosso mundo não é só e não é tanto uma crise econômica e financeira, mas é uma crise moral – uma crise do homem (crise antropológica!). Tal crise, porém, nasce da “crise de Deus” no âmbito da hodierna cultura pós-moderna. No mesmo discurso em Aparecida, o Papa Bento XVI explicava: «Quem exclui Deus do seu horizonte falsifica o conceito de “realidade” e, por conseguinte, só pode terminar por caminhos equivocados e com receitas destruidoras.»<sup>26</sup> E em uma outra ocasião afirmava: «Vivemos num tempo em que se tornaram incertos os critérios de ser homem. A ética foi substituída pelo cálculo das consequências. Perante isto, devemos, como cristãos, defender a dignidade inviolável do homem, desde a sua concepção até à morte [...] “Só quem conhece Deus, é que conhece o homem” – disse uma vez Romano Guardini. Sem o conhecimento de Deus, o homem torna-se manipulável. A fé em Deus deve-se concretizar-se no nosso empenho comum pelo homem».<sup>27</sup> Diante destes numerosos e graves desafios, o Papa Bento XVI oferece, então, indicações muito concretas e precisas aos Pastores da Igreja: «De modo particular, insisto na necessidade e na urgência da formação evangélica e do acompanhamento pastoral de uma nova geração de católicos comprometidos na política, que sejam coerentes com a fé professada, que tenham rigor moral, capacidade de juízo cultural, competência profissional e paixão de serviço pelo bem comum».<sup>28</sup>

b) *A questão dos ministérios não-ordenados e a colaboração entre ministros ordenados e fiéis leigos.* Passemos agora a uma breve apresentação da missão dos fiéis leigos no seio da comunidade eclesial (*ad intra*), questão de grande relevo, porque expressa a sua ativa corresponsabilidade na vida da comunidade eclesial (paróquia, diocese). A *Christifideles laici* recomenda: «Por isso, os pastores devem reconhecer e promover os ofícios e as funções dos fiéis leigos, que têm o seu *fundamento sacramental no Batismo e na Confirmação*, bem como, para muitos deles, *no Matrimônio*» (n.23). De fato, por motivos de necessidade ou de utilidade, os pastores podem confiar aos fiéis leigos, segundo as normas do direito universal da Igreja, algumas tarefas ligadas ao ministério próprio dos pastores que, porém, não exijam o exercício do caráter sacramental da Ordem, o que pode acontecer em vários setores: na catequese, na liturgia, na gestão da paróquia, nas obras de caridade. É preciso reforçar, porém, que «o *exercício de semelhante tarefa não transforma o fiel leigo em pastor*».<sup>29</sup>

A questão dos assim chamados “ministérios laicais” suscitou nos anos oitenta e noventa um amplo debate na Igreja. O Sínodo dos Bispos de 1987 recomendou a constituição de uma comissão própria para estudar os aspectos

---

25 *Ibidem.*

26 *Ibidem.*

27 BENTO XVI, *Discurso durante a celebração ecumênica na Igreja do ex-Convento dos Agostinianos de Erfurt*, 23.09.2011.

28 BENTO XVI, *Discurso aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, 15.11.2008.

29 JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 23.

teológicos, litúrgicos, jurídicos e pastorais do problema. Já que a comissão não conseguiu concluir os seus trabalhos, a questão dos ministérios está ainda em discussão, o que confere, então, uma certa liberdade às Conferências Episcopais e a cada Igreja local.

Abriu-se, de qualquer forma, uma via que trouxe abundantes frutos de generoso empenho laical dentro das comunidades eclesiais. Infelizmente não faltam algumas sombras: em particular, em não poucos casos se chegou a um perigoso ofuscamento da diferença entre o sacerdócio comum dos batizados e o sacerdócio ministerial, além de uma clericalização dos leigos, com a sua inoportuna transformação em “funcionários da pastoral” em tempo integral.<sup>30</sup> Em resposta às não poucas irregularidades verificadas neste âmbito, a Santa Sé publicou uma Instrução interdicasterial sobre algumas questões acerca da colaboração dos fiéis leigos ao ministério dos sacerdotes, *Ecclesiae de mysterio* (1997).

Nesta Instrução, recordando as normas vigentes, refere-se a «uma particular diligência para que sejam bem salvaguardadas, seja a natureza e a missão do ministério sagrado, seja a vocação e a índole secular dos fiéis leigos. Colaborar não significa, de fato, substituir» (p.7). Neste contexto, é também confirmada a importância da participação dos leigos nos diversos organismos colegiais, como os conselhos pastorais paroquiais e diocesanos. Os pastores devem valorizar tais instituições, tendo o devido cuidado para ressaltar sempre o seu caráter consultivo e não deliberativo, o que naturalmente em nada subtrai a importância da sua contribuição à vida e à missão da Igreja<sup>31</sup> dentro destes organismos.

Enfim, é necessário ao menos acenar à questão, tanto debatida, sobre o papel da mulher na vida da Igreja e na sociedade. Abre-se hoje, diante das mulheres católicas e diante do seu “gênio feminino”<sup>32</sup>, um vasto e importante campo de empenho, em nada comprometido pelo fato que as mulheres não possam receber o sacramento da Ordem. Portanto, para responder a algumas tendências que querem transferir para o interior da Igreja o debate fortemente ideologizado acerca das relações entre os sexos, interpretado em chave de rivalidade e de luta de poder, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou um documento de grande utilidade pastoral, no qual quis relembrar os fundamentos antropológicos da diferença e da reciprocidade da humanidade masculina e feminina: a “Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo” (de 31 de maio de 2004).

c) *A nova estação agregativa dos fiéis leigos*. Trata-se da importante questão do “apostolado organizado” dos fiéis leigos. O Beato João Paulo II falou,

---

30 Cf. ARTURO CATTANEO, *I ministeri non ordinati nel rinnovamento della parrocchia*, in: PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI, *La parrocchia ritrovata. Percorsi di rinnovamento*, LEV, Città del Vaticano 2007, p. 103.

31 Cf. GIORGIO FELICIANI, *Il Consiglio pastorale parrocchiale*, in: PONTIFICIO CONSIGLIO PER I LAICI, *La parrocchia ritrovata...*, op. cit., pp. 97-98.

32 Cf. JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Mulieris dignitatem*, n. 31.

a este respeito, de uma “nova estação agregativa” na Igreja. Em que, porém, consiste esta novidade? O Papa Wojtyła respondia nestes termos: «ao lado do associativismo tradicional e, por vezes, nas suas próprias raízes, brotaram movimentos e sodalícios novos, com fisionomia e finalidade específicas: tão grande é a riqueza e a versatilidade de recursos que o Espírito infunde no tecido eclesial e tamanha é a capacidade de iniciativa e a generosidade do nosso laicado».<sup>33</sup> O Pontifício Conselho para os Leigos dedica a este fenómeno uma constante atenção e solicitude pastoral, promovendo seja as associações tradicionais, como a Ação Católica, à qual a Igreja deve tanto, seja as realidades eclesiais novas, os movimentos e as novas comunidades, fruto do Concílio Vaticano II.<sup>34</sup> Nas últimas décadas, os Pontífices têm dedicado particular atenção a esta “novidade”, reconhecendo nela um “dom do Espírito e um sinal de esperança para a Igreja e para a humanidade” (João Paulo II). Os movimentos eclesiais são, então, considerados como uma resposta tempestiva do Espírito Santo aos desafios que, nos nossos dias, o mundo apresenta ao processo de evangelização (novos e tantas vezes inéditos cenários socioculturais se impõem hoje à obra da nova evangelização!). Estes novos carismas criam percursos pedagógicos de extraordinária eficácia educativa e conseguem liberar surpreendentes potencialidades missionárias na vida de tantos leigos do nosso tempo.

Bento XVI conhece e segue os movimentos eclesiais há muitos anos, e uma das suas primeiras decisões como Pontífice foi a convocação dos movimentos, no dia 3 de junho de 2006, tratando de um tema muito significativo: “A beleza de ser cristãos e a alegria de comunicá-lo”. O Papa Ratzinger afirma com clareza a este respeito: «A Igreja deve valorizar estas realidades e ao mesmo tempo deve guiá-las com sabedoria pastoral, para que estas contribuam da melhor forma, com seus diversos dons, à edificação da comunidade». E reforça: «As Igrejas particulares e os movimentos não estão em oposição uns com os outros, mas ambos constituem a estrutura viva da Igreja».<sup>35</sup> Em uma outra ocasião, dirigindo-se aos Bispos, afirmou: «Depois do Concílio o Espírito Santo deu-nos os “movimentos”. Por vezes eles podem parecer um pouco estranhos ao Pároco ou ao Bispo, mas são lugares de fé em que os jovens e os adultos experimentam um modelo de vida na fé como oportunidades para a vida de hoje. Por isso peço-vos para irdes ao encontro dos movimentos com muito amor. Em certos aspectos devem ser corrigidos, inseridos no conjunto da paróquia ou da Diocese. Mas devemos respeitar o caráter específico dos seus carismas e ser felizes por nascerem formas comunitárias de fé em que a palavra de Deus se torna vida».<sup>36</sup>

Inspirando-se no Magistério do Papa Bento XVI, “Peço-vos que andeis ao encontro dos movimentos com muito amor”, o Pontifício Conselho para os

33 JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 29.

34 Cf. PONTIFÍCIO CONSIGLIO PER I LAICI, *Associazioni Internazionali di Fedeli. Repertorio*, LEV, Città del Vaticano 2004.

35 BENTO XVI, *Encontro com os Bispos da Alemanha em Colônia por ocasião da XX Jornada Mundial da Juventude*, 21.08.2005.

36 BENTO XVI, *Discurso aos Bispos alemães em visita ad limina*, 18.11.2006.

Leigos organizou em 2008 um seminário de estudo, dirigido aos Bispos, sobre este assunto. Buscamos aprofundar junto ao Magistério pontifício sobre as novas comunidades e sobre os deveres confiados aos pastores neste âmbito: o discernimento dos carismas, o acolhimento destas no tecido diocesano e paroquial e o acompanhamento paterno. As Atas deste seminário foram publicadas pelo nosso dicastério com o título “Pastores e movimentos eclesiais” (Libreria Editrice Vaticana 2009).

A regra pastoral fundamental para os Bispos permanece sempre aquela ditada por São Paulo: “Não apagueis o Espírito, não desprezeis a profecia, examinai tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,19-20). Enquanto pastores, diante da novidade trazida pelos movimentos, devemos guardar-nos sobretudo dos preconceitos negativos, infelizmente ainda hoje muito difusos. É verdade que às vezes os movimentos se tornam uma espécie de provocação para uma pastoral “ordinária” orientada exclusivamente à conservação, priva de ímpeto missionário, mas justamente por isso se trata de uma provocação salutar, da qual a Igreja tem necessidade. Abrem a nossa pastoral a novas fronteiras e demonstram uma “criatividade missionária” extremamente criativo e eficaz. Naturalmente, a integração dos movimentos na pastoral diocesana deve ser sempre respeitosa diante dos específicos carismas, lembrando que a verdadeira natureza da comunhão eclesial não consiste em uma forçosa uniformidade, uma homologação de todos, mas implica, ou melhor requer a diversidade. O Papa, falando aos movimentos, confirmou que o Espírito Santo «quer a vossa multiformidade, e deseja que sejais o seu único corpo».<sup>37</sup>

Além disso, os movimentos não devem ser considerados por nós, pastores – o que, infelizmente, às vezes acontece – como um problema, mas como um dom do Espírito Santo para a Igreja dos nossos tempos, mesmo que se trate de um dom exigente e desafiante. Na pastoral nunca deveria faltar o espaço para estes novos carismas. Os “planos pastorais”, então, deveriam ser sempre abertos àquilo que o Espírito diz à Igreja nos nossos tempos (cf. Ap 2,7).

5. A pergunta que mais frequentemente nos fazem os Bispos de todo o mundo em visita *ad limina* diz respeito à formação do laicato: como educar o nosso laicato a uma fé adulta e coerente? Como formá-lo para que seja uma presença “visível” e incisiva na sociedade, na política, na cultura? Não tenho obviamente a pretensão de dar a este respeito receitas miraculosas e prontas para o uso. Me limitarei a fazer algumas considerações de natureza sobretudo geral, mas de qualquer modo úteis para orientar corretamente eventuais programas pastorais para a formação do laicato. Também neste caso, encontramos-nos sem dúvida diante de um dos grandes desafios do momento presente. Os Padres do Sínodo sobre os leigos (1987) recomendaram fortemente que «a formação dos fiéis leigos /seja/ posta entre as prioridades da diocese e /seja/ colocada nos programas de ação pastoral de modo que todos os esforços da comunidade

<sup>37</sup> BENTO XVI, *Homilia na Vigília de Pentecostes*, 03.06.2006.

(sacerdotes, leigos e religiosos) possam convergir a este fim» (*Propositio* 40). A formação constitui, de fato, um dever e ao mesmo tempo um direito dos fiéis leigos<sup>38</sup> e tem o objetivo de conduzi-los à constante avaliação do próprio compromisso cristão, a uma ativa participação na vida eclesial e ao contínuo aprofundamento do significado da sua co-responsabilidade na missão da Igreja. A base fundamental do processo de formação é o ensinamento do Concílio Vaticano II, traçado seja nas grandes Constituições *Lumen gentium* e *Gaudium et spes*, seja no Decreto *Apostolicam actuositatem*. Deve ser também particularmente estudada a Exortação apostólica *Christifideles laici* (1989) que, vinte anos depois do Concílio, sintetiza o seu Magistério sobre os leigos no contexto das novas problemáticas características da Igreja pós-conciliar. Este documento é verdadeiramente a *charta magna* do laicato católico contemporâneo, um guia indispensável para a formação de leigos maduros. Por fim, deve ser particularmente considerado, como seguro suporte doutrinal, o Catecismo da Igreja Católica, assim como o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, inexaurível mineira de orientações eficazes para guiar o seu empenho social.

No âmbito da formação dos fiéis leigos, o Papa Bento XVI demonstra ser um grande mestre na fé e do seu Magistério emergem duas importantes prioridades irrenunciáveis para todo itinerário educativo do nosso laicato.

a) *A centralidade de Deus na vida do homem*. Na Carta apostólica *Porta fidei*, com a qual o Papa Bento XVI proclamou na Igreja o *Ano da Fé*, lemos: «Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado» (n. 2). O Papa não se cansa de recordar que o problema fundamental do homem de hoje é exatamente a questão de Deus: «Isto é importante hoje. Há tantos problemas que podem ser elencados, que devem ser resolvidos, mas que todos nunca são resolvidos se Deus não for colocado no centro, se Deus não se torna de novo visível no mundo, se não se torna determinante na nossa vida e se não entra também através de nós de maneira determinante no mundo».<sup>39</sup> A questão de Deus e a questão da fé nos nossos tempos não devem nunca ser consideradas óbvias, particularmente no que diz respeito à formação dos fiéis leigos. Senão, como observa o Santo Padre, há o risco que, na vida do nosso laicato «o compromisso substitui a fé, mas depois esvazia-se interiormente».<sup>40</sup>

Vivemos em um mundo extremamente confuso pela “ditadura do relativismo” (Bento XVI), que nega a verdade e pretende substituí-la por opiniões subjetivas. A ausência de Deus na nossa sociedade secularizada torna-se sempre mais grave. Como então a Igreja pode responder ao grave desafio da crise da fé, também aqui na América Latina? O Papa Bento XVI dá uma resposta bem precisa a tal questão: «não serão as táticas a salvar-nos, a salvar o cristianismo,

38 Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Christifideles laici*, n. 63.

39 BENTO XVI, *Homilia durante a Santa Missa com os Bispos da Suíça*, 07.11.2006.

40 *Ibidem*.

mas uma fé repensada e vivida de modo novo, através da qual Cristo, e com Ele o Deus vivo, entre neste nosso mundo».<sup>41</sup> Para todos os batizados o *Ano da Fé* não é outra coisa senão um ano de Graça para poder repensar e reviver a fé de um modo novo e assim redescobrir a importância deste grande dom e dar novamente a Deus o lugar central na própria vida.

b) O segundo ponto crucial para a formação dos fiéis leigos é *a percepção da beleza de ser cristãos*. Frequente e exageradamente o cristianismo é identificado com um acúmulo de proibições enfadonhas, com uma jaula que mortifica a liberdade e o desejo de felicidade que todo ser humano traz dentro de si. Muitas vezes se esquece que o Evangelho é um fascinante projeto de vida inteiramente positivo, que corresponde aos anseios mais profundos do coração humano. Já por ocasião da abertura solene do seu Pontificado, o Papa Bento XVI afirmou: «Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar com os outros a Sua amizade».<sup>42</sup> E em uma outra ocasião explicou: «Na realidade, descobrir a beleza e a alegria da fé é um caminho que cada nova geração deve percorrer pessoalmente, porque na fé é posto em jogo tudo o que sentimos mais como nosso e que nos é mais íntimo, o nosso coração, a nossa inteligência, a nossa liberdade, numa relação profundamente pessoal com o Senhor que age dentro de nós».<sup>43</sup>

No caminho de redescoberta da beleza de ser cristãos e da alegria da fé, um papel particular toca às jovens gerações. E aqui não podemos senão evidenciar a especial missão que - segundo o Papa Bento XVI - desenvolvem as Jornadas Mundiais da Juventude. O Papa vê nas JMJs “uma nova evangelização ao vivo”, “um remédio contra a lassidão do ser cristão”.<sup>44</sup> É exatamente no âmbito das JMJs que nasce “um modo novo, rejuvenescido de ser cristãos”, cheio de alegria e de entusiasmo juvenil: «A fé faz-nos felizes a partir de dentro. Esta é uma das maravilhosas experiências das Jornadas Mundiais da Juventude».<sup>45</sup> Cada JMJ constitui portanto uma solte de salutar provocação, que a Igreja não pode que acolher. E daqui nasce a grande tarefa da pastoral juvenil, que é realmente um promissor investimento para o presente e o futuro da Igreja. Os jovens de hoje são os leigos adultos de amanhã: pais e mães de família, pessoas empenhadas nos vários âmbitos da vida social, econômica, política... Nesta perspectiva deve ser lida também a próxima JMJ no Rio de Janeiro, que viveremos no mês de julho deste ano. É um grande dom e uma oportunidade única não somente para os jovens brasileiros, mas para toda a Igreja que vive neste grande País e, poderíamos dizer, para a igreja universal.

---

41 BENTO XVI, *Discurso aos representantes do Conselho da “Igreja evangélica na Alemanha”*, 23.09.2011.

42 BENTO XVI, *Homilia durante a solene concelebração eucarística para o início do ministério petrino*, 24.04.2005.

43 BENTO XVI, *Discurso aos participantes no Congresso eclesial da diocese de Roma*, 05.06.2006.

44 BENTO XVI, *Discurso do Santo Padre por ocasião da troca de votos natalícios com os Cardeais, a Cúria Romana e a Família pontifícia*, 22.12.2011.

45 *Ibidem*, p. 955.

Eis, portanto, os dois pilares sobre os quais construir os programas de formação dos fiéis leigos. E qual deveria ser o método-base da formação? A Exortação apostólica *Christifideles laici* é muito clara a este respeito: «Não é um exagero dizer-se que toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Batismo, sacramento da fé, a fim de poder viver as suas exigências segundo a vocação que recebeu de Deus» (n. 10). *A iniciação cristã pós-batistal* constitui assim o método fundamental da formação dos fiéis leigos, acompanhada depois da palavra forte do *kerygma*, que introduz o batizado em uma relação profunda e íntima com a Pessoa do Mestre: um encontro que transforma a vida.<sup>46</sup> Chegou, além disso, o momento de redescobrir o papel central da catequese mistagógica, segundo os grandes ensinamentos dos Padres da Igreja, dentre os quais se sobressai S. Ambrósio.<sup>47</sup> Evidentemente trata-se de realizar uma verdadeira “conversão pastoral”, para recuperar a força do “primeiro anúncio” junto com todas as suas riquíssimas implicações.<sup>48</sup>

Quanto aos *lugares de formação*, além dos tradicionais, como a família e a paróquia, assumem hoje particular importância as agregações laicais, com certeza as tradicionais, mas principalmente – como já dissemos – os movimentos eclesiais e as novas comunidades. Precisamos reconhecer que graças aos seus carismas são capazes de desenvolver itinerários de educação à fé adulta de extraordinária eficácia.

A formação dos leigos é assim um desafio crucial, exatamente porque o mundo tem uma urgente necessidade de cristãos conscientes da própria vocação e missão, sem medos e complexos de inferioridade em relação à cultura pós-moderna. Precisa de cristãos que tenham a coragem de ser o que são nos ambientes em que vivem, tantas vezes hostis à fé, mesmo ao custo de se tornarem “sinal de contradição”. Além disso, como dizia o cardeal Joseph Ratzinger no seu discurso em Subiaco alguns dias antes da sua eleição como Papa: «O que mais precisamos neste momento da história é de homens que, através de uma fé iluminada e vivencial, tornem Deus credível no mundo. O testemunho negativo dos cristãos que falavam de Deus e viviam contra Ele, obscureceu a imagem de Deus e abriu a porta à incredulidade. Precisamos de homens que tenham o olhar fixo em Deus, aprendendo daí a verdadeira humanidade. [...] /porque/ Somente através de homens que são tocados por Deus, Deus pode retornar junto aos homens».<sup>49</sup>

---

46 Nos últimos anos, o Pontifício Conselho para os Leigos dedicou três Assembléias plenárias aos sacramentos da iniciação cristã, publicando seus respectivos Atos: *Riscoprire il Battesimo*, LEV 1998; *Riscoprire la Confermazione*, LEV 2000; *Riscoprire l'Eucaristia*, LEV 2004.

47 Cf. o importante estudo: J. DANIELOU - R. DU CHARLAT, *La catechesi nei primi secoli*, Elledici, Torino 1982.

48 A propósito, queria assinalar um Documento de grande utilidade da Conferência Episcopal Italiana: COMMISSIONE EPISCOPALE DELLA CEI PER LA DOTTRINA DELLA FEDE, *L'ANNUNCIO E LA CATECHESI, Questa è la nostra fede. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo*, Paoline, Milano 2005.

49 J. RATZINGER, *L'Europa di Benedetto nella crisi delle culture*, Cantagalli, pp. 63-64.